

SANCHES, W. L.; FIGUEIRA, E.
**Uma Igreja de portas abertas: nos caminhos do Papa
Francisco.**

São Paulo: Paulinas, 2016, 192 p.
ISBN 9788535641905

Com alegria e proveito recebemos o provocante livro *Uma Igreja de portas abertas. Nos caminhos do Papa Francisco*, organizado por Wagner Lopes Sanches e Eulálio Figueira, ambos professores no Departamento de Ciência das Religião da PUC-SP. A obra é resultado das reflexões realizadas ao longo de mais de um ano no *Observatório Eclesial Brasil*, criado em 10 de março de 2015, em São Paulo, em resposta à provocação de Ameríndia, grupo de teólogos latino-americanos. É formado por leigos (as), padres e religiosos (as) e têm por objetivo acompanhar as decisões, os discursos e as reformas do Papa Francisco, bem como o processo de recepção dos mesmos nas Igrejas locais, nas comunidades e na sociedade.

Os textos buscam analisar criticamente os três anos do pontificado do Papa Francisco, cuja eleição trouxe alegria e esperança, depois de anos difíceis e duros na sociedade e na Igreja. Desta forma, os textos foram escritos com olhos postos no presente e futuro da Igreja Católica, tendo-se em conta temas que o Observatório entende serem importantes no Pontificado de Francisco, distribuídos em três grandes eixos: 1) *Os desafios de uma reforma na Igreja* (três textos); 2) *Caminhos e realizações* (quatro textos); 3) *As utopias, as defasagens e os silêncios* (três textos).

O Prefácio foi escrito por Dom Angélico Sândalo Bernardino, Bispo emérito de Blumenau, Santa Catarina e a Apresentação, por Sergio Torres Gonzáles teólogo pastoralista e coordenador do Observatório Eclesial da América Latina e de Ameríndia, a Introdução pelos organizadores da obra Wagner Lopes Sanchez e Eulálio Figueira e o Posfácio por Walter Altmann pastor luterano e professor de Teologia na Faculdade EST (São Leopoldo, RS).

Na primeira parte do livro busca-se analisar os desafios e os obstáculos para uma reforma na Igreja:

1) *A recepção do projeto do Papa Francisco*, por Fernando Altemeyer Junior, professor no Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP, descreve a proposta de Francisco: superar um modelo e propor a reforma da Igreja por dentro e para além das superficialidades e fachada. Não veio cair as paredes, mas verificar os fundamentos, retomando a leveza do Evangelho na ação de uma Igreja pobre e dos pobres. Portanto, uma reforma ampla e ao mesmo tempo difícil.

Frente a isso o autor avalia como esta proposta de Papa Francisco tem sido recebida pela mídia e órgãos da imprensa internacional, pelos governantes, pelo clero católico, pelos não cristãos, pelos ateus e agnósticos. Destaca o alcance e a relevância de: a) suas viagens (internacionais e dentro da Itália); b) Documentos; discursos, celebrações na Casa Santa Marta, homilias, cartas, cartas-apostólicas, moto-próprios, exortações-apostólicas, encíclicas; c) mudança de estrutura do Vaticano e da Santa Sé, instituição de comissão para a proteção da infância em face aos abusos sexuais e crimes de pedofilia. Espera-se ainda uma maior descentralização, valorizando os bispos e as dioceses e uma maior consciência colegial do episcopado para manifestar a catolicidade das Igrejas.

2) *Francisco e a Colegialidade*, por Dom Celso Queiroz, bispo emérito da Diocese da Catanduva, São Paulo, toma como ponto de partida o Concílio Vaticano II – o qual na *Lumen Gentium* explicitou o lugar e missão dos bispos na Igreja. O bispo é aquele que está à frente de uma Igreja Particular, mas em conjunto, com outros bispos forma o Colégio Episcopal, quem tem como chefe e cabeça o papa. O Colégio, com sua cabeça, tem o poder supremo e pleno sobre a Igreja universal (n. 27). O autor mostra que na prática não é fácil abrir caminhos concretos que possibilitem o exercício do poder supremo do papa sem anular o poder do Colégio Episcopal e do exercício real do poder do Colégio sem diminuir ou anular o poder do papa. Até agora a Igreja só conseguiu definir algumas maneiras concretas da realização dessa colegialidade dos bispos entre si e dos bispos com o papa. As Conferências Episcopais Nacionais e Assembleias Episcopais Regionais são meios para a realização da colegialidade episcopal. O órgão que realmente tem funcionado para o governo central da Igreja é a Cúria Romana: centralizado na pessoa do papa como garantia de unidade da Igreja presente nas várias culturas e regiões do mundo. Tal centralização já foi maior, o Concílio possibilitou passos para sua redução, sendo o desafio avançar mais e fazer o caminho inverso ao centro para as diversas regiões, numa real catolicidade. Permanecem os desafios. Diante de questões pastorais atuais, que obrigaram a propostas estruturais novas, os bispos não encontraram acolhida para discussão com os respectivos departamentos da Cúria. Na realidade, entre os bispos, suas Conferências e o papa, o aceso real e direto continua muito difícil, por vezes impossível, pois entre eles estão a Cúria Roma e as nunciaturas apostólicas. Papa Francisco propõe-se reformar a Igreja, favorecendo o exercício da colegialidade na Igreja.

3) *Francisco e o desafio da cultura eclesial dominante*, por Wagner Lopes Sanchez, mostra-nos que durante os pontificados de João Paulo II e de Bento XVI, tivemos um movimento de retorno ao passado e a construção do que ficou conhecido como hermenêutica da continuidade: uma interpretação do Concílio Vaticano II que pretende interpretá-lo como um Concílio que não propôs mudanças significativas para a instituição e para a sua atuação no

mundo. Essa hermenêutica defende os valores da Igreja da cristandade ao propor o abandono das principais orientações e diretrizes conciliares. A cultura da cristandade estava centrada na autossuficiência da Igreja diante do mundo, das Igrejas das religiões; desconfiança diante das iniciativas humanas que não seguissem os preceitos e determinações da instituição; o medo diante do novo e o autoritarismo. O Vaticano II realizou uma ruptura com o modelo de Igreja-cristandade: procurou dialogar com o mundo e responder às grandes inquietações do mundo moderno: diálogo com a ciência, separação Igreja-Estado, liberdade religiosa, pluralismo religioso e diálogo entre as Igrejas cristãs e as religiões. A perspectiva adotada pelo Concílio em todos esses temas foi de diálogo e a do reconhecimento da autonomia das realidades terrestres. Cinquenta e três anos depois do pontificado de João XXIII, vivemos hoje uma nova primavera e a instituição católica é desafiada pelo Papa Francisco a renovação da cultura eclesial que tem com eixos: uma renovação eclesial inadiável fundada na Igreja em saída, o exercício da sinodalidade e da colegialidade e a Igreja da misericórdia.

Na segunda parte do livro: *Caminhos e Realizações*- dá-se a conhecer o caminho já percorrido, as decisões e reformas propostas e as que estão parcialmente se realizando:

1) *A densidade teológica dos gestos de Francisco*, por Alex Villas Boas, professor de Teologia da PUC SP, partindo da constituição dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II e remetendo-se ao método teológico de Hugo de São Vitor (1096-1141): *littera, sensus, sententia*, mostra-nos que o gesto, tal qual a palavra, situam-se no caminho de pensar a melhor ação que permite desvelar o Mistério a ser contemplado, na medida em que é desvelado seu enigma. Nesse sentido, o autor, descreve o substrato eclesiológico de Francisco por detrás de seus gestos e os pressupostos teológicos dos gestos de Francisco, apresentando os gestos do Papa Francisco como uma ação na qual se esconde e se dá a conhecer o Mistério da Misericórdia de Deus. Os gestos de Francisco desvelam uma pedagogia do Evangelho, em uma dinâmica parabólica entre palavras e gestos, nos quais se desvela sua consciência pós-conciliar: na superação do divórcio entre teologia e pastoral, entre fé e vida.

2) *A Doutrina Social da Igreja interpretada por Francisco. A encíclica Laudato Si'*, por Donizete José Xavier, professor de Teologia da PUCSP, mostra que por detrás das palavras de Francisco, encontramos um pastor zeloso que lança ao mundo uma voz profética que surge em nossa história com ousadia testemunhal, pois a voz de Francisco que emana da encíclica *Laudato Si'* ecoa nos quatro cantos do mundo, convidando-nos a enfrentar simultaneamente o problema do desenvolvimento humano e a questão do cuidado com o planeta, sob a valorização espiritual do aspecto cosmológico da fé na criação diante do antropológico. A ética teológica que da *Laudato Si'* se descortina finca suas raízes nos princípios da Doutrina Social da Igreja, compreendida como fruto da fidelidade da Igreja à sua tradição e à sua doutrina, bem como

fruto de sua constante preocupação de atualização para responder aos desafios emergentes. Para Francisco, a questão da ecologia humana é inseparável da noção do bem comum, da dignidade da pessoa humana e do princípio de subsidiariedade. Sua encíclica é construída sob os pressupostos de uma autêntica doutrina social chamando-nos a atenção para a necessidade de uma nova economia, que seja mais atenta à ética e ao compromisso com a vida de todos, principalmente os mais pobres, vitimados pela sociedade de consumo. Por isso, devemos insistir responsabilmente na formação de uma ecologia integral que nos permita compreender que o ambiente é um dom de Deus, uma herança comum que devemos administrar responsabilmente. Isso será possível se estivermos alicerçados por uma autêntica espiritualidade ecológica, tendo-se em conta que uma autêntica qualidade de vida exige uma vida de qualidade espiritual, moral e social.

3) *Misericórdia, o outro nome da Igreja*, por Antônio Sagrado Bogaz, professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) e João H. Hansen, doutor em Letras e Literatura pela Universidade de São Paulo, considerando o Ano da Misericórdia, iniciam dizendo que somos desafiados reencontrar e a repensar nossas concepções de misericórdia, buscando seu significado mais genuíno e original; olhando para concepções mais proféticas e mais concretas desta grande virtude divina que vem mover os corações humanos. Isso porque ao longo da história se implantaram concepções mais espiritualistas que pensaram este conceito como uma ação divina de piedade para conosco, pobres pecadores. A misericórdia na Igreja se revela como um dom espiritual que fecunda a própria alma, mas depois alimenta e promove gestos e ações que enternecem o mundo. Superando os espiritualismos somos convocados a ser Igreja em saída ao encontro dos pobres testemunhando a misericórdia e a ternura do Senhor, que aquece o coração, desperta a esperança e atrai para o bem. Em vista disso, salientam os autores que uma das exigências espirituais das práticas religiosas é a vivência mística de nossa fé no contato vivo com a pessoa de Jesus, sintonizando-se com ele, superando a tentação de converter Cristo e a própria religião em “objeto de culto”, considerando que ao longo dos séculos, a prática religiosa foi se enriquecendo de modelos rituais, jurídicos e canônicos. Estes elementos tornaram-se tão proeminentes nas práticas religiosas que terminaram por se confundir com a essência do ser cristão. Superar a tentação do conformismo com os ritos nos ajudará a ser Igreja da Misericórdia, transformadas em atitudes humanas, bem como nas ações eclesiais a relação intrínseca entre misericórdia e justiça. Inspira-nos o testemunho de líderes que lutaram para restaurar a Igreja e todos os que hoje vivem oferecendo a vida cotidianamente na renovação da Igreja, repensando posturas nas pastorais e nas práticas sacramentais, pelas quais somos convidados a perceber, além da vida pessoal dos fiéis, suas relações com os irmãos e sua inserção na engrenagem social.

4) *Sinais proféticos que indicam o caminho*, por Vera Ivanise Bombonato, doutora em Teologia Dogmática, realça alguns sinais proféticos do Papa Francisco, sinais estes que indicam concretamente o caminho das mudanças e fortalecem a nossa esperança de uma Igreja missionária, servidora e pobre, centrada em Jesus Cristo, peregrina, caminhando com a humanidade, particularmente com a humanidade sofredora. Papa Francisco concentra em sua pessoa três aspectos singulares: a *novidade* expressa no seu modo de ser, na coerência entre suas palavras e em seus gestos concretos, no apelo constante à essencialidade da vida cristã, no diálogo pluridirecional; a *firmeza* e a *ousadia* de suas propostas, pertinentes e relevantes para o momento atual, que expressam seu profetismo; a *síntese* das intuições e orientações teológico-pastorais do Concílio Vaticano II e da caminhada da Igreja latino-americana, tendo como eixo central a missão e a organização da Igreja. Em seu projeto de uma “Igreja em saída”, do caminho a ser percorrido desdobram-se alguns aspectos fundamentais: a) reformar as estruturas eclesiais; b) resgatar e vivenciar a dimensão comunitária e missionária da vida cristã; c) realizar a conversão pastoral e ecológica; d) romper com uma autorreferencialidade eclesial. Em relação a sua posição à teologia e aos teólogos, Francisco, trata destas questões com clareza e objetividade. Teologia é ciência e como tal precisa ser apreciada, respeitada e acolhida no seio da Igreja. Teólogos/as têm a árdua missão de repensar constante à fé cristã. Por isso, o Papa Francisco tem reestabelecido o diálogo com os teólogos, sem preconceitos, censura, punição, castigos silenciosos, mas estimulando a criatividade, o compromisso e a ousadia profética, concretizado no compromisso com os pobres e na responsabilidade com a Casa Comum.

Na terceira parte do livro: *As utopias, as defasagens e os silêncios* – são enumeradas algumas das reformas que são necessárias e, que, todavia, não foram abordadas:

1) *As reformas na Igreja entre a instituição e o carisma*, por João Décio Passos, professor no Programa de Estudo Pós-Graduados em Ciência da Religião na PUC-SP, serve-se das categorias *carisma* e *instituição*, utilizadas por Max Weber para analisar as dinâmicas de poder, ajudam a compreender o que está ocorrendo com as reformas encaminhas pelo Papa Francisco no momento atual da Igreja. Essas categorias ajudam a compreender os jogos de renovação e conservação do poder e, por conseguinte, a luta entre os líderes dedicados a cada uma das estratégias correspondentes a essas posturas. Trata-se de uma reforma empreitada dentro de uma instituição tradicional por uma figura institucional que é o papa. Este possui a legitimidade para buscar novas formas institucionais que expressem o dom original do cristianismo no presente momento histórico. Alcançar novas formas exige não somente justificativa e convencimento dos membros do corpo eclesial, mas mudanças estruturais na organização geral da Igreja. Todas as instituições cristãs existem por causa do carisma que as fundamente permanentemente. Por isso, o autor mostra que a tensão entre o carisma e a

instituição é inerente ao cristianismo: desde suas origens até o presente momento. Nas lutas por renovação em nome do carisma, duas tendências se apresentam no decorrer da história: a primeira busca rever a instituição a partir do seu carisma original (em nome das fontes puras do cristianismo, os reformadores apresentam suas propostas de renovação); a segunda pretende preservar-se como legítima em todas as suas configurações e ações, criando-se uma teologia da instituição que vincula todas as suas estruturas a Jesus Cristo (a instituição sacraliza aquilo que é historicamente construído e que congela padrões relativos como absolutos). O primeiro busca a renovação e o segundo a preservação. Exemplo de renovação da Igreja mais amplo e atual, que continua normativo para toda a Igreja foi o Concílio Vaticano II. As renovações oferecidas pelo Vaticano II produziram frutos pelo mundo afora, embora tenham sido cada vez mais assimiladas esquemas de pensamento e de práticas anteriores ao Concílio e, no fluxo desse movimento de resgate de um projeto eclesial pré-conciliar se instaurou uma das maiores crises institucionais na Igreja com a renúncia de Bento XVI. Francisco foi eleito com a tarefa de renovar a Igreja nas questões de ordem moral, política e administrativa. O nome Francisco já prenunciava a postura fundamental do novo pontificado: reformar a Igreja em nome do Evangelho. Francisco se apresentou como um personagem renovador, dotado de carisma e com inusitada postura no exercício do ministério papal. A reforma da Igreja constitui, hoje, um fato institucional e legítimo, mas carece de mudanças estruturais e jurídicas para que possa trazer resultados efetivos para o conjunto da Igreja, tendo-se em conta que a estrutura da Igreja permanece a mesma, bem como os modos de exercício das funções eclesiais e eclesiásticas não foram alterados desde a chegada do papa. As reformas serão verdadeiras eficazes na medida em que redesenhem as estruturas, as funções e as regras que compõem a organização da Igreja. Eles terão de refazer a Cúria Romana e as demais cúrias diocesanas, o Direito Canônico e as demais regras que regem a vida da Igreja; terão de repensar também as funções dos ministérios eclesiais e as práticas de governo eclesial em todos os níveis. As reformas na Igreja são momentos fortes de transmissão do carisma do Evangelho. O ato de reformar é inerente à tradição: toda tradição preserva renovando e, por essa razão, é capaz de passar adiante o carisma de que é portadora. A força do carisma permanece, as instituições se modificam.

2) *Na igual dignidade batismal: laicato, serviços e ministérios, relação de gênero no interior da Igreja*, por Maria Cecília Domezi, professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), aponta algumas possibilidades de avanço na Igreja na vivência da igual dignidade batismal que estão sinalizadas nas iniciativas, gestos e exortações do Papa Francisco, reacendendo a esperança sem esconder as defasagens, os silêncios e os tropeços por causa de um milenar centralismo sexista-masculino e clerical defendido por um pesado bloco de autoridades eclesiásticas. Para isso, a autora faz uma retrospectiva histórica mostrando como

nos primórdios da Igreja cristã a ministerialidade era rica, criativa e plural e no interior das comunidades vigorava a igualdade fundamental. Entretanto, ao longo dos séculos os serviços e o poder foram progressivamente caindo no monopólio do clero. Houve um processo de sacerdotização dos ministérios com nuances estranhas ao Evangelho. Por causa das influências do patriarcalismo a mulher foi inferiorizada e perdendo seu espaço, cada vez mais minimizada, marginalizada de todas as funções. O laicato como um todo acabou submetido ao clero, condenados à passividade. Nas últimas décadas do século XIX, cresceu bastante a atuação de pessoas leigas, primeiro de forma isolada e depois em organizações. Embora com bastante dependência da hierarquia, os leigos/as sentiam-se cada vez mais com certa autonomia em seu apostolado dentro da sociedade. O Concílio Vaticano II, abre espaço para que todas as pessoas leigas atuem na Igreja enquanto sujeitos e com reconhecimento da sua dignidade. A proposição do acesso das mulheres ao ministério ordenado esteve vivamente em discussão, mas o Concílio não a incluiu em sua pauta oficial. Entretanto, o Concílio avançou ao abrir caminho para a vivência da justiça e da fraternidade nas relações de gênero no interior da Igreja, a partir da refontização dos ministérios eclesiais. Papa Francisco atualiza a eclesiologia do Concílio Vaticano II na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Na sua visão de uma Igreja em saída, de uma Igreja materna e paterna é que se pode entender suas referências ao “gênio feminino” em favor das mulheres, pela maior visibilidade e reconhecimento de seus direitos, na vida social e profissional, pela ampliação de espaços para uma presença mais incisiva na Igreja, propostas de inclusão das mulheres em instâncias de poder da Igrejas, nomeações. Iniciativas como estas estão abrindo caminho para que as mulheres exerçam tarefas e sejam ouvidas na Igreja.

3) *A ética da vida misericordiosa: inclusiva, anti-idolátrica e ecolibertadora*, por Luiz Augusto de Mattos, professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), diante do risco do genocídio coletivo e a realidade de ecocídio, salienta o autor que diante de uma realidade civilizacional onde a vida humana, a natureza e a realidade planetária são ameaçadas por uma ordem sistêmica globalizada que privilegia o progresso de alguns e o descuido de dois terços da humanidade, que a partir da tecnologia e do poder científico justifica-se qualquer intervenção na natureza, fica complicado crer no futuro de uma vida digna e justa na Terra. Onde a vida grita e pede por justiça, cabe aí um compromisso ético assumido na responsabilidade pelo futuro da vida digna, justa e feliz na Terra. Responder a um serviço ético em relação à vida necessariamente nos coloca como grande meta buscar o rosto de Deus, afastando as falsas imagens de Deus/idolatrias, as quais favorecem e legitimam a opressão, o descuido e a expropriação da própria vida. Uma ética construída a partir do Deus humanizado e vivida de acordo com esse Deus, nas trilhas de Jesus Cristo é a única ética que hoje poder ser aceita e que pode humanizar o mundo desumanizado. Realidade que exige da ética uma

orientação baseada em alguns “conteúdos” em vista de um projeto de humanização e de libertação da vida: a) a defesa e a promoção de um “etos não excludente”; b) uma ética à luz da fé anti-idolátrica; c) uma ética que cultiva a utopia por um mundo mais justo e melhor para todos. O autor conclui dizendo que se a ética da vida quer contribuir para a promoção de um mundo mais justo e sustentável social e ambientalmente, ela não poderá prescindir de um compromisso de solidariedade, cuidado e promoção da vida dos que são considerados descartáveis, com os empobrecidos e excluídos.

Por fim, o Posfácio foi escrito por Walter Altmann, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, como observador atento do pontificado de Francisco, diz que o livro foi escrito com alegria e esperança. Alegria evocada pela escolha de Papa Francisco, alegria reforçada durante os três anos de seu pontificado. Esperança, pois seu legado será uma Igreja mais descentralizada, mais colegial, mais erigida sobre a fé do povo. Uma Igreja voltada mais para os pobres, uma Igreja preocupada com o cuidado da Terra, nossa casa comum. Uma Igreja em que os fiéis não ordenados e as mulheres alcancem participação condizente com sua condição de terem sido plenamente incorporados à Igreja mediante o batismo que receberam.

A obra aqui analisada é de grande valor. Temos neste livro um bom instrumento para aprofundar temáticas centrais e relevantes de Papa Francisco nos três anos de seu pontificado. Grupos de estudos, leigos/as, seminaristas, presbíteros, religiosos/as, agentes de pastorais encontram aí conteúdos substanciais para reflexões e debates. Textos bem elaborados e fundamentados, com reflexões iluminadoras, cheias de esperanças para aqueles/as que desejam conhecer e aprofundar melhor os desafios levantados à missão evangelizadora em vista de uma Igreja em saída renovada pela força do Evangelho na responsabilidade e compromisso com a Casa Comum. Desafio gigantesco para todos/as. O leitor aproveitará destas reflexões teológicas encontrando aí pistas pastorais valiosas. Boa reflexão!

Eliseu Wisniewski
Doutorando em Teologia pela Pontifícia
Universidade Católica do Paraná
Araucária / PR – Brasil
E-mail: eliseu.vicentino@gmail.com